



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS-TO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO

Jessilane Souza da Silva

**MEMÓRIAS DE MULHERES PESCADORAS NO
MUNICÍPIO DE TOCANTINÓPOLIS-TO:
TRAJETÓRIAS DE LUTAS E RESISTÊNCIAS**

TOCANTINÓPOLIS-TO
2022

JESSILANE SOUZA DA SILVA

**MEMÓRIAS DE MULHERES PESCADORAS NO
MUNICÍPIO DE TOCANTINÓPOLIS-TO:
TRAJETÓRIAS DE LUTAS E RESISTÊNCIAS**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Campus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, sob a orientação da Prof. Dr^a. Cássia Ferreira Miranda e coorientação da Prof^a. Dr^a. Lisiane Costa Claro.

**TOCANTINÓPOLIS-TO
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586m Silva, Jessilane Souza da.
Memórias de mulheres pescadoras no município de
Tocantinópolis-TO: Trajetórias de lutas e resistências . / Jessilane
Souza da Silva. – Tocantinópolis, TO, 2022.
49 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do
Campo, 2022.

Orientadora : Cássia Ferreira Miranda

Coorientadora : Lisiane Costa Claro

1. História Oral. 2. História das Mulheres . 3. Pesca. 4. Educação
do Campo. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

JESSILANE SOUZA DA SILVA

MEMÓRIAS DE MULHERES PESCADORAS NO MUNICÍPIO DE TOCANTINÓPOLIS-TO: TRAJETÓRIAS DE LUTAS E RESISTÊNCIAS

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Campus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, aprovada em sua forma final pela orientadora, pela coorientadora e pela banca examinadora.

Data de aprovação: 12/12/2022.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 CASSIA FERREIRA MIRANDA
Data: 11/01/2023 09:59:34-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dr^a. Cássia Ferreira Miranda, Orientadora, Universidade Federal do Pampa, Campus de Jaguarão

Documento assinado digitalmente
 LISIANE COSTA CLARO
Data: 31/01/2023 18:36:08-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dr^a. Lisiane Costa Claro, Coorientadora, Universidade Federal do Norte do Tocantins,

Campus de Tocantinópolis
Documento assinado digitalmente
 REJANE CLEIDE MEDEIROS DE ALMEIDA
Data: 13/01/2023 13:18:52-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dr^a. Rejane Cleide Medeiros de Almeida, Examinadora, Universidade Federal do Norte do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Documento assinado digitalmente
 UBIRATAN FRANCISCO DE OLIVEIRA
Data: 31/01/2023 06:36:23-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dr. Ubiratan Francisco de Oliveira, Examinador, Universidade Federal do Norte do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Tocantinópolis, 2022

AGRADECIMENTOS

Era um sonho muito próximo até vir a pandemia Covid-19 que fez com que muitos não conseguissem alcançar o que tanto almejavam, prolongar e/ou até mudar todo o cenário de objetivos que estavam no papel há tempos, eu fui uma delas, mas a que por pouco foi uma das que iriam mudar a rota e tentar algo completamente diferente, por ser ansiosa e ter medo de não conseguir pela demora do processo. Mas fazemos um plano e Deus faz outro, hoje eu agradeço primeiramente a ele por ter me mantido viva diante de toda essa catástrofe que veio acontecendo no mundo todo e por não ter desistido de me fazer insistir no meu sonho que sempre foi de ter um diploma de ensino superior para entregar nas mãos da mulher que mais e sempre confiou em mim desde que vim ao mundo que é a minha mãe Maria Sirlei de Souza. Escrevo isso com lágrimas nos olhos para dizer que conseguimos, mãe, e isso será só o começo.

Aos demais, amigos, familiares e colegas, aos que sempre sonharam e acreditaram em mim, agradeço pelos conselhos, pela confiança e pelas noites em que me acolheram quando tudo que eu tinha era vontade de crescer, se perpetuando até hoje e iniciando o brotinho de um começo de uma nova era. Gratidão a Deus, mãe, amigos e professores que insistiram e fizeram parte para que essa formação fizesse acontecer. Em especial minha orientadora, a Prof^a Dr. Cássia, que mesmo diante das minhas fraquezas esteve comigo, nesse caminho árduo que foi a construção dessa monografia. A Prof^a Dr. Lisiane que participou junto comigo sendo minha orientadora do meu primeiro projeto de pesquisa, na Iniciação Científica, me fazendo crer que sou capaz de surpreender a mim mesma. Ao Prof Dr. Ubiratan Francisco que sempre se preocupou com minha formação, desde quando tivemos contato pela primeira vez nos corredores da universidade, estará sempre guardado em meu coração. Agradeço também às professoras e ao professor da banca por terem aceitado o convite de contribuir com este trabalho.

RESUMO

A situação vivenciada por mulheres pescadoras das comunidades ribeirinhas é caracterizada por lutas, desafios e construções diferenciadas sobre os papéis sociais atribuídos aos homens e as mulheres. O objetivo deste estudo busca compreender como as mulheres pescadoras do município de Tocantinópolis-TO vivem, mostrando as dificuldades enfrentadas diariamente na atividade da pesca, e como se dão as relações e as compreensões a respeito dos "papéis de gênero" dentro da comunidade pesqueira. Para as análises são utilizadas a História das Mulheres e a História Cultural como aporte teórico. A metodologia utilizada é qualitativa, com a realização de História Oral temática. Devido ao contexto pandêmico gerado pelo vírus SARS-CoV-2, as entrevistas com as três pescadoras participantes da pesquisa foram realizadas por meio da plataforma digital *Google Meet*. As entrevistas foram gravadas e o termo de cessão de direitos sobre depoimento oral foi registrado ao início e ao fim das entrevistas. O critério de escolha das entrevistadas se baseou em indicações e na disponibilidade e interesse das pescadoras em participar do estudo. Com o estudo, foi possível conhecer o dia a dia na pesca, as formas de aprendizagem do ofício, os vínculos com a Colônia dos Pescadores de Tocantinópolis Z-7, os impactos da construção da barragem de Estreito-MA no fluxo das águas do Rio Tocantins, os diferentes significados do Rio em suas vidas, entre outras questões.

Palavras-chave: História Oral. História das Mulheres. Pesca. Colônia de Pescadores Z-7. Educação do Campo.

ABSTRACT

The situation experienced by women fishermen from riverside communities is characterized by struggles, challenges and different constructions about the social roles attributed to men and women. The objective of this study seeks to understand how fisherwomen in the municipality of Tocantinópolis-TO live, showing the difficulties faced daily in the fishing activity, and how relationships and understandings regarding "gender roles" within the fishing community take place. For the analyzes, Women's History and Cultural History are used as a theoretical contribution. The methodology used is qualitative, with thematic Oral History. Due to the pandemic context generated by the SARS-CoV-2 virus, the interviews with the three fisherwomen participating in the research were carried out through the digital platform Google Meet. The interviews were recorded and the transfer of rights over oral testimony was recorded at the beginning and end of the interviews. The criterion for choosing the interviewees was based on indications and the availability and interest of the fisherwomen in participating in the study. With the study, it was possible to know the day-to-day fishing, the ways of learning the trade, the links with the Colony of Fishermen of Tocantinópolis Z-7, the impacts of the construction of the Estreito-MA dam on the flow of the waters of the River Tocantins, the different meanings of Rio in their lives, among other issues.

Keywords: Oral History. Women's History. Fishing. Colony of Fishermen Z-7. Field Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
GEPHEA	Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Artes
MA	Maranhão
ONU	Organização das Nações Unidas
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PCT	Povos e Comunidades Tradicionais
PNPCT	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TO	Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UHE	Usina Hidrelétrica de Estreito

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização e da rede de drenagem do município de Tocantinópolis	15
Figura 2 - Principais formas de relevo encontradas na área estudada	17

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 RIO TOCANTINS	14
3 CONCEPÇÕES NORTEADORAS	22
3.1. HISTÓRIA DAS MULHERES E HISTÓRIA CULTURAL	22
3.2. HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA	24
3.3. PERCURSOS METODOLÓGICOS	26
3.3.1. As mulheres do Rio	28
4 MEMÓRIAS DE MULHERES PESCADORAS	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE	47

1 INTRODUÇÃO

A compreensão da História Oral e de sua relação com a Memória pode ser um caminho pertinente no resguardo e reconhecimento das experiências e das especificidades das vidas de mulheres ribeirinhas que têm a pesca como atividade de seu cotidiano, vinculada ao rio Tocantins.

O interesse pela temática deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado *Experiências de mulheres pescadoras no município de Tocantinópolis-TO* surgiu desde o início de minha graduação no curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música. Iniciou quando em uma das disciplinas do curso foi solicitado por um professor que fizéssemos uma atividade de pesquisa sobre um tema que para nós fosse interessante e que estivesse relacionado com a nossa comunidade. Uma colega de turma e eu ficamos interessadas em falar sobre a seca do Rio Tocantins e as dificuldades encontradas na pesca quando o nível de água está baixo. Esse é um tema bastante presente no dia a dia das pessoas que moram na região do Bico do Papagaio, especialmente das pessoas que dependem do rio para sobreviver.

Depois, ao integrar o Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Artes - da Universidade Federal do Tocantins - GEPHEA/UFT/CNPq, tive acesso aos debates relacionados à História Oral e à Memória através de diversas leituras feitas para as discussões semanais realizadas pelo Grupo. Ao realizar fichamentos com base em leituras, pude pensar mais e discorrer sobre a História Oral e a Memória individual e coletiva.

No GEPHEA, fui bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/UFT) com o plano de trabalho *A vivência da pesca de mulheres ribeirinhas no Rio Tocantins*, vinculado ao projeto de pesquisa *Trabalho, culturas e vida no Rio Tocantins: registros da pesca em Tocantinópolis*, coordenado pela professora Lisiane Costa Claro. Além desse projeto, também integrei a equipe do projeto de pesquisa *Sociabilidade e sobrevivência às margens do Rio Tocantins*, coordenado pela professora Cássia Ferreira Miranda.

Durante essas pesquisas, resolvi trabalhar com esse tema também em meu TCC, pensando a situação das mulheres pescadoras, considerando compreender como elas vivem, mostrando as dificuldades enfrentadas diariamente na atividade

da pesca, e como se dão as relações e as compreensões a respeito dos "papeis de gênero" atribuídos dentro da comunidade pesqueira. Busco com esta pesquisa contribuir para as narrativas a respeito da pesca na região do Bico do Papagaio, com enfoque na cidade de Tocantinópolis, registrando e valorizando as trajetórias e as memórias das pessoas que vivem nesta região.

Com uma abordagem qualitativa, utilizo a História Oral como metodologia de investigação, coleta e análise de dados (CHAGASTELLE E LACERDA, 2013; ALBERTI, 2004; MEIHY E HOLANDA, 2015). Além dela, utilizo a História Cultural também como aporte teórico para sustentar minhas análises, buscando compreender as práticas e representações manifestadas nas falas das participantes da pesquisa (BARROS, 2005; CHARTIER, 1990).

Alguns questionamentos foram importantes para nortear minha pesquisa. Entre eles destaco os seguintes: Como as mulheres pescadoras do Rio Tocantins enxergam nele uma possibilidade de sobrevivência e vivência? Como são estabelecidas as relações de gênero neste meio? Quais as maiores dificuldades enfrentadas na atividade da pesca? Quais as relações e os significados que as mulheres pescadoras constroem com o Rio Tocantins?

Para responder essas questões, foi realizado o levantamento bibliográfico sobre o tema, bem como entrevistas via plataforma digital *Google Meet* com três mulheres pescadoras. O critério de escolha das entrevistadas se baseou em indicações e na disponibilidade e interesse das pescadoras do Rio Tocantins em participar do estudo.

Este TCC foi realizado no contexto do projeto de pesquisa *Sociabilidade e sobrevivência às margens do Rio Tocantins*, sendo as entrevistas realizadas em parceria com a coordenadora, Prof^a. Dr^a. Cássia Ferreira Miranda, e a bolsista PIBIC/UFT do projeto, Tainã Miranda de Souza, que desenvolveu o TCC intitulado *Vivências com o Rio Tocantins: memórias de pescadoras e pescadores da região de Tocantinópolis-TO* (2022).

Este TCC está dividido em cinco partes. Primeiro, trago a introdução, apresentando alguns aspectos iniciais da pesquisa. A seguir, discorro sobre o Rio Tocantins como espaço de pesquisa, berço de diversas tradições e da atividade de pesca na região de Tocantinópolis-TO.

Posteriormente, trago as concepções fundamentais para debater sobre a

temática deste TCC: História das Mulheres, História Cultural, História Oral e Memória. Além disso, trago os caminhos metodológicos que me permitem conhecer as pescadoras participantes da pesquisa e a atividade pesqueira desempenhada pelas mulheres da região de Tocantinópolis, município localizado no extremo Norte do Estado do Tocantins, na região chamada Bico do Papagaio.

Na sequência, são trazidas as memórias das pescadoras, suas trajetórias de lutas e resistências. Seus sentimentos e olhares tanto da atividade da pesca, quanto do Rio Tocantins como espaço de vida e sobrevivência. São também evidenciados as impressões que as pescadoras têm das relações de gênero que se constroem em suas vidas, principalmente vinculadas ao ofício que exercem.

Por fim, as considerações finais registram, em linhas gerais, a importância da pesquisa e destacam a atividade desempenhada pelas pescadoras do município de Tocantinópolis-TO como um patrimônio imaterial e tradição ribeirinha em desenvolvimento. A oralidade e as experiências dessas pescadoras são fundamentais para a Memória da região e a valorização das vidas dos povos do campo.

2 RIO TOCANTINS

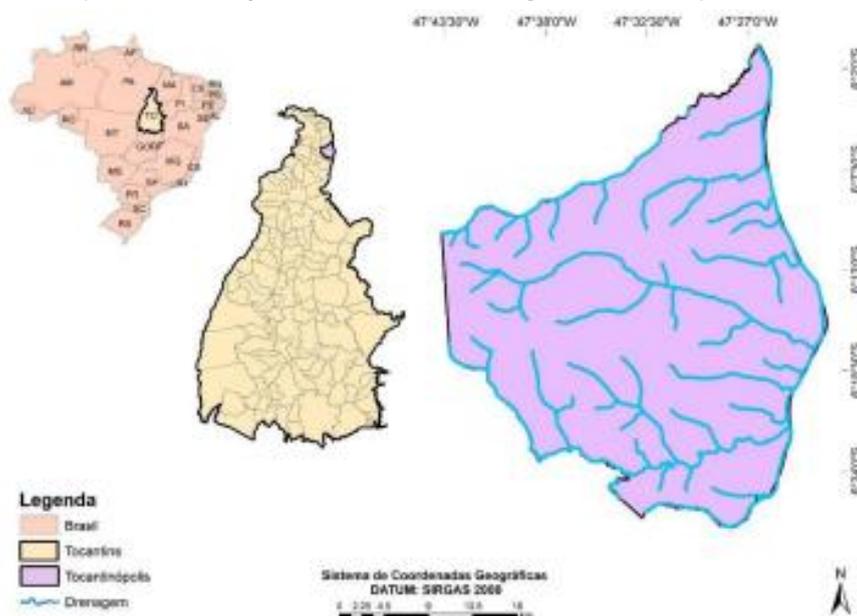
Não é de hoje que vemos diversas pessoas e casas às margens dos rios espalhados pelo Brasil, que passam despercebidas por muitos. Não atentamos e nem paramos para pensar como sobrevivem as pessoas naqueles lugares, com oscilação de cheia e seca - por exemplo. Os rios rodeiam todas aquelas casas que são acometidas de um grande perigo por estarem localizadas naquelas áreas. O poder político, por ser falho no controle de mecanismo da qualidade de vida, limita cada vez mais o acesso à educação e serviços básicos de saúde, agravando a situação dessas comunidades.

Na segunda metade do século XIX, a ausência de políticas públicas, fez com que os trabalhadores se espalhassem pelos rios da Floresta Amazônica, como o Rio Negro e o Rio Amazonas, buscando melhores condições de vida. Essas áreas, muitas vezes, ofereciam riscos, principalmente, de inundações. Os ribeirinhos aprenderam a viver em um ambiente de limitações e desafios impostos pelos fluxos dos rios e pelas especificidades da Floresta. A relação dessas pessoas com as mudanças naturais fez com que adaptassem seu cotidiano, seu modo de vida e a busca por meios de subsistência. (RODRIGUES, 2001).

O município de Tocantinópolis (figura 1), local onde foi realizada esta pesquisa, está instalado à margem esquerda do Rio Tocantins, numa altitude de 156,79 metros, com aproximadamente 23.119 habitantes, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). Tocantinópolis pertencia à região do antigo extremo norte de Goiás e, na época, localizava-se a 1.290 km da então capital, Goiânia-GO. A cidade era, portanto, considerada uma das mais desenvolvidas do estado de Goiás em termos de economia e estrutura urbana até a primeira metade do século XX. (SILVA, 2017).

Na figura 1, é possível perceber a localização do Estado do Tocantins no território brasileiro e, em seguida, a localização do município de Tocantinópolis e a rede de drenagem com rios de primeira, segunda, terceira e até quarta ordem que banham a região delimitada.

Figura 1 - Mapa de localização e da rede de drenagem do município de Tocantinópolis



Fonte: Modificado de dados fornecidos pela Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (SECRETARIA, 2009).

Com base no IBGE (2014), Tocantinópolis foi colonizada no ano de 1818 e, dada a sua altitude, Antônio Faustino e Venâncio foram os responsáveis por nomear o município de Boa Vista. Os dados sobre a região a caracterizam pelo grande potencial de fertilidade, contribuindo para sua cultura agrícola e similares, em destaque ao cultivo de babaçuais e locais destinados ao pasto, nota-se ainda a presença de uma quantidade excepcional de madeiras para construções (IBGE, 2017). A Vila de Boa Vista do Tocantins foi criada em 18 de abril de 1834, suprimida pela Lei provincial n.º 2, de 5 de dezembro de 1840, e restaurada pela Lei n.º 16, de 31 de julho de 1852. Foi cidade por lei provincial nº 2, de 28 de julho de 1858. Em 1943 o nome Boa Vista do Tocantins foi mudado para o atual, Tocantinópolis.

O Tocantins é um Estado localizado na Região Norte do Brasil, e foi criado pela Assembleia Nacional em 1988, sendo a unidade federativa mais jovem entre as 27 existentes no Brasil. Cobre uma área de 277.620.914 quilômetros quadrados, localizada no sudeste da Região Norte. É um estado de fronteira da Região Norte, à qual pertence, com a Região Nordeste e a Região Centro-Oeste. Sua população estimada distribuída em 139 municípios é de 1.292.051 habitantes (IBGE, 2014), mas a população não ultrapassa 10.000 residentes nos municípios, na maioria dos casos. A respeito da formação do Estado e sua vinculação com o

Rio Tocantins, Parente e Silva Junior (2019, p. 171) pontuam que: “Várias são as memórias a respeito do Tocantins; todas emergem das relações multifacetadas e ambivalentes que os indivíduos construíram com o rio, com seus ritmos e suas dádivas”.

O Rio Tocantins leva o nome da confluência dos rios Maranhão e Paranã no Brasil Central e tem cerca de 2.400 km de extensão até sua foz. Portanto, as nascentes dos afluentes que o compõem estão no planalto goiano na região de Brasília, como observam os geógrafos Gomes e Teixeira Neto (1993, p. 113):

O rio Tocantins começa nas imediações do quadrilátero Cruls (porção setentrional do Distrito Federal), a mais de 1.000 metros de altitude, resgatando a sua total identidade a partir da confluência do Rio Paranã com o rio Maranhão”. Ele corta o país no sentido sul-norte e, na divisa dos Estados do Tocantins e Pará (local conhecido por Bico do Papagaio), recebe as águas do rio Araguaia. A partir das cidades de Filadélfia (TO) e Carolina (MA), divide os Estados do Tocantins e Maranhão e corta, em seguida, o Estado do Pará, chegando à sua foz. Constitui-se de três trechos distintos: o Alto Tocantins, que vai das nascentes até a cachoeira do Lajeado, medindo 1.050 km; o Médio Tocantins, da cachoeira do Lajeado à cachoeira de Itaboca, com 980 km; e o Baixo Tocantins, da cachoeira de Itaboca até a foz, com aproximadamente 370 km. Alguns desses trechos são de considerável facilidade de navegação, outros mais difíceis, devido às corredeiras, cachoeiras e, em certas épocas do ano, devido a pouca profundidade em alguns lugares.

Para compreender os aspectos naturais do Estado do Tocantins e as suas relações com o Município de Tocantinópolis, se faz necessária a busca por dados específicos relacionados a este tema. Iniciando a análise a partir de dados relacionados ao clima, o Estado do Tocantins possui clima do tipo tropical semiúmido, sendo caracterizado por um clima seco e com duas estações do ano bem definidas: inverno quente e chuvoso e verão seco e quente. O período das chuvas se concentra nos meses de novembro a março, com pluviosidade de aproximadamente 1.500 mm/ano e médias de temperatura de 25°C. (AGRITEMPO, 2022).

O relevo do município é composto em grande parte por áreas de planaltos e algumas áreas de depressão, e por sua localização (centro-sul do Brasil, na região do Planalto Central) apresentam áreas de morros, serras e chapadas. Existem algumas áreas de planície, localizadas na porção Oeste-Sul do estado e também em sua porção Norte, sobretudo no encontro entre o Rio Tocantins e Araguaia.

Figura 2 - Principais formas de relevo encontradas na área estudada



Fonte: PRANDI (2012).

A vegetação do Estado varia bastante com relação a altitude do relevo e as condições de precipitação. É, em sua maior parte, composta pelo Cerrado e as variações desse bioma brasileiro, mas também possui parte do território associado à Floresta Amazônica e as florestas tropicais. A porção do bioma cerrado apresenta características do tipo savana, com os seguintes aspectos: árvores baixas com raízes profundas, troncos retorcidos e folhas e cascas grossas. Algumas áreas dessa vegetação são cortadas pelas matas ciliares localizadas nas margens dos rios. Já o bioma Amazônico compreende a maior área do território brasileiro. Ele abriga a Floresta Amazônica, que é conhecida popularmente por sua importância para a configuração climática global. (PRANDI, 2012).

Essa Floresta é considerada uma floresta tropical, que apresenta uma grande influência no mundo. Por isso, a sua preservação é essencial para a manutenção da dinâmica climática global, sem alterações significativas e que venham a causar problemas maiores. É muito comum encontrar nascentes de rios nas áreas ocupadas por esse bioma. Quanto à hidrografia, o Estado conta com a presença de duas bacias hidrográficas: a do Rio Araguaia, a oeste, e a do Rio Tocantins, a leste. São rios que cortam o Estado correndo no sentido Sul-Norte, confluindo no extremo Norte. O Estado do Tocantins é conhecido no Brasil pelos seus recursos naturais, sendo um dos mais abundantes em recursos hídricos.

(SILVA, 2017).

Quanto aos dados relacionados ao desenvolvimento econômico e condições de vida dos moradores de Tocantinópolis, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), comparado a outros municípios do Estado do Tocantins (139 municípios), faz com que Tocantinópolis ocupe a 91ª posição. O PIB per capita consiste no total de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade, levando em conta os impostos sobre os produtos que chegam ao consumidor final.

Os aspectos econômicos estão centrados na produção agropecuária, sendo essa a principal atividade econômica do Estado do Tocantins. São produzidos grãos como soja, milho e arroz, sendo também encontradas áreas de produção de cana de açúcar e mandioca. A produção industrial está concentrada no setor de móveis e alimentos. O Estado conta ainda com a exploração intensa de minérios. Essas atividades econômicas influenciam diretamente na ocupação do território e na vida dos moradores desse Estado. (Secretaria da Agricultura, Pecuária e Aquicultura, 2022)

A concentração de grandes latifúndios nas mãos de poucos produtores que cultivam apenas um produto impacta diretamente na produção de outros alimentos. A disputa por terras entra em questão, tendo uma apropriação cada vez maior de determinadas áreas para a produção de grãos e a criação de animais. Além disso, para a produção em larga escala são utilizados os mais diversos tipos de agrotóxicos, contaminando o ar, os rios, o solo e prejudicando cada vez mais a saúde dos consumidores. A produção de outros tipos de alimentos é diminuída para abrir espaço para os considerados mais rentáveis, sem contar a influência negativa desse tipo de prática para os moradores das comunidades tradicionais. (CAVALCANTE; FERNANDES, 2012).

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) consiste em uma medida de três indicadores, a saber: expectativa de vida - medida pela esperança média de vida do IBGE, que descreve o número médio de anos que as pessoas viverão desde o nascimento; educação; e renda - medida pela renda média de cada morador de uma determinada cidade. Assim, observa-se três dimensões essenciais para maior nível de qualidade do desenvolvimento humano demonstrado pelo IDHM: longevidade de vida, acesso à educação; e, maior

qualidade de serviço sanitário, que são representadas aqui pela saúde, pela educação e pela renda dos municípios. Esse índice pode variar de 0 a 1 e quanto mais perto de 1, maior o desenvolvimento humano. Segundo os dados coletados pelo IBGE em 2010, o município de Tocantinópolis possui o IDHM de 0,681. (IBGE, 2014).

Viajar pelo Rio Tocantins historicamente teve diferentes significados para os moradores de suas margens. Além de ser, por muito tempo, a forma mais viável de vender produtos excedentes e obter necessidades de sobrevivência, também representa a possibilidade de intercâmbio cultural, conforme destaca Oliveira (2008). A partir disso, pode-se pensar como toda a cultura pode se transformar e se reinventar com o passar dos tempos e com o contato com outros povos, intensificando a troca de saberes, mas mantendo muitas tradições e rituais religiosos passados de geração em geração. O Rio Tocantins é muito usado para a navegação fluvial durante os períodos de cheias, além de ser o segundo maior rio brasileiro entre aqueles que possuem suas águas completamente inseridas em território nacional.

Todos esses elementos vão mostrando que a vida às margens do Rio Tocantins possui um ritmo próprio, frequentemente passado de geração em geração, e pautado nas formas de fazer e de ser dos ribeirinhos (OLIVEIRA, 2008, p.166).

O conceito de ribeirinhos, determinado pela justiça brasileira segundo o Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2017, que aborda sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), situa esses como integrantes dos Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs):

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007).

Os ribeirinhos também podem ser considerados como povos do campo. Conforme Costa e Carvalho (2012) ressaltam, podem ser denominados camponeses todos os grupos que vivem e trabalham na terra, nas águas e nas florestas e cujo sustento depende dos recursos naturais desses espaços.

De acordo com a EcoBrasil (s.d.), os ribeirinhos são povos que habitam as margens dos rios e lidam com a pesca como atividade principal para a sobrevivência, mantendo seu consumo pessoal por sua pequena agricultura de roçado, além da prática de atividades de subsistência e extrativismo. Eles lidam todos os dias com a falta de políticas públicas que sejam efetivas no atendimento das questões específicas que necessitam. Por esse motivo, são comunidades que estão inseridas em contextos precários e com pouco ou nenhum serviço básico disponível.

Nesse sentido, caracterizam-se como pescadores artesanais. A pesca artesanal segundo Diegues (1983, p.197) é responsável pela formação de “grupo possuidor de uma profissão”, concretizando sua profissionalidade ao possuir a carteira de pescador profissional, denominado pelos minuciosos detalhes característicos do pescado, identificando as espécies de peixes, hábitos, formas de locomoção, ao todo tendo total controle na arte de pescar. Esse grupo, além da pesca para o consumo das famílias, exerce a pesca em grupos familiares visando a comercialização, sendo essa sua principal fonte de renda. Essa modalidade, Diegues (2004) denomina como *pequena produção mercantil pesqueira (ampliada): o pescador artesanal*.

Quanto ao reconhecimento da profissionalização, as ribeirinhas e ribeirinhos da região de Tocantinópolis se organizam a partir da Colônia dos Pescadores Z-7. Conforme destaca Souza (2022), sua fundação foi no dia 23 de novembro de 1997. A autora também menciona o Decreto-Lei n. 794, de 19 de outubro de 1938, que *aprova e baixa o Código de Pesca*, destacando que:

Art. 9º As colônias de pescadores são agrupamentos de pescadores atuando numa mesma zona e constituídas, no mínimo, por 150 (cento e cinquenta) profissionais de pesca.

Parágrafo único. As colônias serão designadas pelo prefixo “Z”, seguido do número de ordem que lhes couber no seu respectivo Estado e estabelecer-se-ão em zonas limitadas pelo Serviço de Caça e Pesca. (BRASIL, 1938 apud. SOUZA, 2022, p. 35).

A Colônia dos Pescadores Z-7 se destaca por ser atuante no cotidiano de vida das pescadoras e pescadores da região promovendo debates e articulações em prol do respeito e da melhoria de vida da categoria.

3 CONCEPÇÕES NORTEADORAS

Para debater as experiências das mulheres ribeirinhas do Rio Tocantins, para além de conhecer o espaço em que elas estão inseridas, é importante a compreensão de alguns campos de conhecimento que ajudam a compreender as suas trajetórias. A seguir trarei considerações sobre a História das Mulheres, a História Cultural, a História Oral e a Memória que constituem suportes teórico-metodológicos nesta pesquisa. Além disso, serão apresentadas as participantes da pesquisa.

3.1 HISTÓRIA DAS MULHERES E HISTÓRIA CULTURAL

Por muitos anos as mulheres foram invisibilizadas nos registros históricos, apontadas como menos capazes, tendo suas trajetórias e narrativas desconsideradas. Conforme aponta Michelle Perrot, em seu texto *Práticas da Memória Feminina* (1989), isso está enraizado na nossa sociedade há muitos séculos passados. Os registros históricos raramente tinham a presença de mulheres em locais considerados importantes, isto é, locais de cunho público, locais de decisões coletivas, como as questões políticas. Quando elas apareciam expondo suas opiniões eram menosprezadas e taxadas de descontroladas, histéricas e loucas. O machismo existe desde o início dos séculos, os homens sempre se apropriaram dos papéis principais e as mulheres foram reprimidas, servindo apenas para a satisfação deles.

Como a História foi escrita em grande parte por aqueles que detinham o poder, as populações às margens das grandes decisões não estão nesses registros. Entre os diversos grupos excluídos estão as mulheres. Perrot (1989) destaca que as mulheres que tiveram acesso a escrita costumavam escrever e guardar seus pensamentos e memórias, no entanto, por se tratar de relatos mais íntimos, em tom mais confessional, esses escritos eram mantidos em sigilo e muitas vezes destruídos por elas. “Mais que à escrita proibida é ao mundo mudo e permitido das coisas que as mulheres confiam sua memória”. (PERROT, 1989, p.13).

Hoje, muitos dos registros acadêmicos que se tem sobre a História das

Mulheres foram desenvolvidos pelas feministas, reivindicando a importância das mulheres na História. Na historiografia oficial a presença das mulheres foi por muitos anos escassa. Conforme destaca Margareth Rago (1995), a História das Mulheres no Brasil se desenvolveu a partir da década de 1970, após demandas e pressões do movimento feminista, resultando na quebra do silêncio e na integração das mulheres nos campos de trabalho e nos núcleos acadêmicos.

Uma categoria importante que se estuda quando falamos de mulheres é os estudos de gênero. Os estudos de gênero agregam as discussões sobre os papéis sociais são atribuídos aos homens e as mulheres, como são vistos na sociedade e o que se espera como comportamento das pessoas desde que nascem. De acordo com Joan Scott (2012, p. 347):

Se pegarmos gênero como um guia não simplesmente como homens e mulheres tem sido definidos em relação ao outro, mas também que visões de ordem social estão sendo contestadas, sobrepostas, resistidas e defendidas nos termos de definições masculino/feminino, chegaremos a uma nova visão sobre as diversas sociedades, culturas, histórias e políticas que queremos investigar.

Existem diversas formas na qual a História pode ser abordada, e as diversas formas de compreendermos as trajetórias de vida das pessoas, dentre elas o viés da História Cultural, no qual há uma valorização de diferentes possibilidades de abordagem, sobretudo no fim do século XX, principalmente em relação à História Cultural Francesa. Tal contexto é abordado de forma específica pelo historiador Roger Chartier (1990). A História Cultural dá enfoque principal às formas alternativas de dissertar acerca de diversos temas, fazendo uso de novos objetos, lançando o olhar às representações, às práticas, à cultura popular, aos sistemas educacionais populares, às manifestações culturais de diversos grupos. (BARROS, 2005).

A abordagem da História Cultural se volta para a historiografia da dimensão cultural de uma determinada sociedade, não limitando-se a uma abordagem específica. Uma distinção comum que é realizada de maneira frequente é entre a História Social da Cultura, ou História Cultural, e a História da Cultura, sendo a última responsável por examinar o estilo de certos objetos culturais da Arte ou Literatura. (BARROS, 2005).

Na História Cultural, observa-se que tanto o indivíduo que produz objetos culturais, quanto o observador ou consumidor desse tipo de conteúdo, produzem

cultura, visto que a recepção também faz parte da prática cultural. Nesse sentido, dá-se enfoque ao mecanismo de produção dos objetos culturais de uma sociedade, além dos mecanismos de recepção desses objetos, tanto de obras-primas com esse propósito, como também de outros tipos de manifestações que compõem o cotidiano de vida das pessoas. Atualmente, a História Cultural abrange as noções de linguagem, representações e de práticas, trazendo o conceito de pluralidade de culturas, em detrimento da descrição de uma única cultura generalizada. (BARROS, 2005).

De acordo com Chartier (1990), a História Cultural tem como principal papel a identificação de como uma realidade cultural é construída, pensada e observada em diferentes locais e momentos. As ditas *representações* e *práticas* determinadas por esse estudioso se inserem no contexto de campo de concorrências e competições, com o objetivo de se pronunciarem em termos de poder e dominação, formando a chamada *luta de representações*, moldadas a partir de interesses, imposições ou resistências sociais.

3.2 HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA

De acordo com Chagastelles e Lacerda (2013), pode-se entender a História Oral a partir de três formas: técnica, disciplina e metodologia. Isto é, com procedimentos técnicos específicos; como campo do conhecimento, com seu conjunto próprio de conceitos; e como método, uma forma de fazer algo.

A História Oral, na perspectiva de Matos e Senna (2011), teve início no Brasil nos anos 1970, mas teve maior destaque nos anos 1990, quando se deu a criação da Associação Brasileira da História Oral, estimulando cada vez mais as discussões e propagação dessa metodologia. Anteriormente, a História Oral já estava sendo trabalhada em outros locais do mundo, como a Itália, vinculada aos estudos do mundo dos trabalhadores, se introduzindo como um meio de estudar as classes sociais.

Ferreira (2002) também pontua que a História Oral se expandiu no Brasil na década de 1970 procurando dar ênfase a grupos minoritários, como imigrantes, negros, mulheres etc., pretendendo conhecer e registrar trajetórias até então

invisibilizadas nos registros históricos. Essa era uma História Oral de cunho mais militante, também praticada nos Estados Unidos, ganhando ainda mais aceitação na Inglaterra, mesmo ainda enfrentando fortes resistências entre os historiadores que questionam a confiabilidade dos registros orais.

Percebendo as recentes mudanças no entendimento das fontes históricas, a partir da compreensão das subjetividades presentes em todos os vestígios históricos, incluídos os textos escritos, a História Oral passou a ocupar um importante espaço da História, se dedicando especialmente ao registro de eventos e trajetórias que só são possíveis a partir dos relatos orais.

Foi uma importante transformação no entendimento das fontes históricas, com a possibilidade de um trabalho com os testemunhos vivos. A busca pela compreensão das identidades, a preocupação com o esquecimento e o registro da pluralidade das vivências impulsionou os estudos da História Oral.

Paul Thompson (1992) destaca a importância da História Oral para a compreensão da história atual, no seguinte trecho:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p.17).

Com a Memória sendo a principal aliada para se fazer História oral, Pierre Nora (1993) acrescenta, nas perspectivas historiográficas, as seguintes reflexões:

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...] (NORA, 1993, p. 9).

Com relação à Memória, Halbwachs (1990) traz a ideia que pode ser reconstruída ou simulada. Pode-se criar representações do passado com base nas opiniões de outras pessoas, eventos que imaginamos ou representações da memória histórica interna. A Memória é em grande parte uma reconstrução do passado e é feita com a ajuda de dados emprestados do presente.

Embora complementares, a História e a Memória não são a mesma coisa. Pierre Nora (1993, p. 9) destaca, em relação aos conceitos de memória e de história:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. (NORA, 1993, p. 9)

O autor destaca que a Memória é cheia de emoção e magia, enraizada no concreto, no espaço, nos objetos, nas imagens e nos gestos. Já a História é uma operação intelectual e laicizante acerca dos fatos vividos, demanda análise e discurso crítico, pertence a todas as pessoas e ao mesmo tempo a ninguém e está relacionada com a continuidade do tempo, evolução e a relação das coisas.

Na mistura, é a memória que dita e a história que escreve. É por isso que dois domínios merecem que nos detenhamos, os acontecimentos e os livros de história, porque, não sendo mistos de memória e história, mas os instrumentos, por excelência, da memória em história, permitem delimitar nitidamente o domínio (NORA, 1993, p.24).

Por meio dessa distinção, Nora (1993) afirma que a memória é absoluta, pretendendo reconstruir o passado sem lacunas e falhas, que, portanto, tudo o que se diz hoje não é somente memória, mas história, a demanda pela memória é a demanda pela história. Quanto menos memórias de viver do interior, mais necessário o suporte externo e referências tangíveis para seres que sobrevivem apenas por meio deles.

Contudo não devemos deixar que a história acabe com a memória espontânea, mesmo a história sendo um espaço de memória. A história oral vem para reativar as lembranças, se findar apenas no enquadramento da história científica, destruímos a memória hélice (principal), a que nos leva, molda e faz lembrar quem somos e de onde viemos.

3.3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Diante da pandemia causada pelo Coronavírus *Sars-Cov-2*, foi necessário adaptar a metodologia de História Oral. A metodologia costumeiramente utiliza a

realização das entrevistas de maneira presencial, no entanto, diante da necessidade de isolamento social, foi preciso adaptar a forma de realização da pesquisa. Sendo assim, as entrevistas foram realizadas entre o período de outubro a novembro de 2021, por meio do aplicativo digital de comunicação intitulado *Google Meet*. Após o primeiro contato com as possíveis entrevistadas pelo aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, as entrevistas foram agendadas e realizadas com a presença de três pesquisadoras: eu; a colega de pesquisa Tainã Miranda de Souza, que também realizou sua monografia sobre memórias de pescadoras e pescadores em nosso município; e a professora e coordenadora do projeto de pesquisa Cássia Ferreira Miranda, orientadora dos dois trabalhos. Esse encontro de pesquisadoras aconteceu no Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Artes - da Universidade Federal do Tocantins - GEPHEA/UFT/CNPq, coordenado pelas professoras Dr^a. Cássia Ferreira Miranda e Dr^a. Lisiane Costa Claro.

Foram realizadas três entrevistas com pescadoras, todas moradoras do município de Tocantinópolis, totalizando aproximadamente 3h e 46 min de gravações. As pesquisas foram realizadas no contexto do projeto de pesquisa *Sociabilidade e sobrevivência às margens do Rio Tocantins*.

A escolha das pescadoras artesanais, participantes da pesquisa, se deu por indicações de pessoas que tiveram contato com o mesmo tema de pesquisa em outros trabalhos e por disponibilidade de tempo e interesse em participar por parte das entrevistadas. Para a realização da entrevista foram realizadas as seguintes etapas: estudo e elaboração do roteiro, entrevistas, transcrição das entrevistas e análises.

O roteiro foi estruturado por etapas, sendo a primeira a *Identificação pessoal*, com dados gerais da entrevistada; a segunda, *Caracterização da pesca e questões de gênero*, na qual buscamos entender mais sobre o fazer pescar e como ocorre esse processo e a relação com o rio, a comunidade e as questões de gênero; e a terceira relacionada a *Rotina da pesca*, para falar mais como é o seu dia a dia relacionado a atividade pesqueira e a percepção desse ofício.

Através de aparelhos eletrônicos, computador e celular, todas as entrevistas foram gravadas e foram registradas a autorização de uso das informações, tanto no início quanto no fim. A autorização/cessão de direitos sobre depoimentos orais

é fundamental para a metodologia de História Oral, conforme destacam Meihy e Holanda (2015, p. 22), “que fique garantido que não se deve fazer entrevista sem absoluta anuência do colaborador. Por mais importante que seja o caso, não é aceitável fazer entrevista sem prévia autorização”.

3.3.1 As mulheres do rio

Foram realizadas três entrevistas com pescadoras vinculadas à Colônia dos Pescadores de Tocantinópolis Z-7. Ao participar da pesquisa, as pescadoras poderiam optar pela divulgação ou não de suas identidades. Como nem todas as participantes autorizaram a utilização de seus nomes, o processo de identificação de deu de forma diferenciada. No contexto do projeto *Sociabilidade e sobrevivência às margens do Rio Tocantins*, optou-se por identificar as pescadoras e pescadores participantes com nomes de peixes que tivessem fossem de sua preferência ou que tivessem algum significado em suas vidas. Sendo assim, as pescadoras e pescadores foram contatados após as entrevistas, por ordem de realização da pesquisa, para escolherem um nome de peixe que serviria de representante de sua identidade. Os nomes escolhidos pelas pescadoras entrevistadas foram: Piau Cachoeira, Dourada com e Pacu Manteiga.

A entrevista com a pescadora Piau Cachoeira foi realizada no dia 13 de novembro de 2021 e durou 1 hora, 25 minutos e 52 segundos. Piau Cachoeira tem 66 anos de idade, nasceu no município de Carolina-MA e mudou para Tocantinópolis-TO quando casada. Tem 6 filhos. Ela reside na cidade há mais de 14 anos e tem como seu único e exclusivo trabalho a pescaria, que aprendeu com sua mãe, além de algumas redes que faz para vender. Após o casamento, por gostar também muito de pescar, passou a realizar essa atividade como trabalho principal junto ao seu marido, hoje já falecido. Estudou até a 4º série do Ensino Fundamental, afirma que não pôde continuar seus estudos pois precisava trabalhar para ajudar sua mãe em casa.

A entrevista com a pescadora Dourada foi realizada no dia 19 de outubro de 2021 e durou 1 hora, 12 minutos e 23 segundos. Ela tem 53 anos, nasceu em Sitio Novo Tocantins-TO e mudou-se para Tocantinópolis-TO bem novinha. Tem marido pescador e um casal de filhos adultos. Dos filhos, apenas o homem gosta de

pescaria. A entrevistada estudou até o 1º ano do Ensino Médio, não chegando a terminar o Ensino Médio por questões de saúde. Tem a pesca como seu trabalho principal desde 2005, após sua sogra ensiná-la. Antes de casar, quando morava com os pais, não teve contato com a pesca, seus pais não a deixavam pescar. Ela relata que eles tinham medo de acontecer algum acidente, como, por exemplo, um afogamento, e isso provocava medo e a impedia de ter um contato direto com o Rio. Hoje ela faz crochês em seus momentos livres e antes de desenvolver um problema de saúde fazia para como complemento de sua renda.

A entrevista com a pescadora Pacu Manteiga foi realizada no dia 11 de novembro de 2021 e durou 1 hora, 9 minutos e 57 segundos. Ela tem 52 anos, nasceu na cidade de Tocantinópolis-TO e vive com seu companheiro há 29 anos. Eles se conheceram quando criança, começaram a namorar em 1993 e tiveram 2 filhos, que hoje são adultos e moram em Goiânia - GO. A Pacu Manteiga estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental, e disse que não continuou seus estudos pois morava muito longe da cidade. Além disso, precisou desde cedo trabalhar fora para ajudar em casa e cuidar de sua mãe doente. Quando chegava em casa, já eram mais de seis horas e tinha pouco tempo de se arrumar para ir ao colégio e outras vezes nem sobrava tempo, levando-a desistir dos estudos.

4 MEMÓRIAS DE MULHERES PESCADORAS

As memórias das mulheres quando lembradas nos registros históricos, despertam interpretações dos diferentes tempos e tradições, bem como permitem perceber diferentes formas de como as culturas compreendiam as relações entre os homens e as mulheres. Quando as mulheres relatam suas lembranças, surge um elo entre o passado e o futuro, construindo uma mediação de tempos, identidades e identificações sociais, determinando as relações de gênero a partir de relações de poder.

Apesar de existir muitas mulheres pescadoras, é possível notar em alguns relatos que este universo ainda é considerado masculino:

A invisibilidade da atuação da mulher pescadora é também evidenciada nas pesquisas referentes à pesca. No Brasil, os estudos sobre a pesca, principalmente a artesanal, são pouco difundidos. Alguns autores apontam que grande parte dos dados disponíveis se encontra em fontes secundárias, como teses e relatórios não publicados. Embora existam estudos sobre a produção da mulher no setor pesqueiro, pouco ainda se sabe sobre a realidade dessa produtora, e muito menos a dinâmica da sua atividade. Essa realidade ainda não é traduzida em números, uma vez que as mulheres não aparecem nas estatísticas oficiais. (ROCHA, 2010, p. 33).

Existem muitas barreiras ainda para serem enfrentadas e conquistadas, tanto sociais quanto políticas, tendo em vista a superação da invisibilização das mulheres em espaços públicos. A distinção do trabalho feminino e masculino e a hierarquia dos homens em relação às mulheres, faz pensar na falta de visibilidade, igualdade e capacidade que era atribuído às mulheres.

Maneschy (1995) ressalta um ponto importante para a valorização das mulheres na jornada da pesca, ao argumentar que elas não só podem realizar a captura de peixes, como também o beneficiamento do pescado (limpar, salgar o peixe, etc.). Vivemos em uma contemporaneidade onde as mulheres já não são mais "obrigadas" a cuidar somente da casa, pois vão em busca de seu trabalho fora do lar, tornando-se cada vez mais independentes. Vale ressaltar também sobre essa temática, a perspectiva abordada por Woortmann (1992) que considera que o trabalho feminino sempre foi pensado sob a ótica da ajuda ou relacionado ao trabalho do homem, o que deve ser desconstruído.

O fato de ser uma mulher, para a pescadora Piau Cachoeira, não interfere em sua capacidade laboral, tendo condições de fazer todas as tarefas relacionadas à pesca, assim como os pescadores. Ela relata que homens e mulheres trabalham da mesma forma, não há critério de divisões de trabalho e que o fato dela ser uma mulher pescadora não influencia na distribuição de atividades, nem quando só mulheres vão pescar:

[...] tem coisa que a mulher faz mais que o homem eu mesma quando ia pescar mais meu marido, eu já sabia de mais coisa que ele porque ele ia no motor dirigindo a canoa, eu que botava rede eu que tirava os peixes, eu que sacudia as redes, eu que tirava a rede quando era pra nós vim embora, quando era pra mudar a rede de lugar de um ponto para outro era eu. [...] nós cozinhava na lenha né, ai eu quem buscava lenha dentro daquelas matas, rasgando matas, arrastando lenha pra fazer a comida. [...] tem mulher que pesca vai só mulher as vezes ela vai com os filhos dela, às vezes vai ela com outra companheira, e é ela quem labuta com motor, ela que faz as coisas mexe com a canoa. [...] E as mesmas coisas que as mulheres fazem, os homens tem capacidade de fazer também, porque assim se ele ir só ele não vai ter que fazer, tem que pegar a capacidade de fazer as coisas (Piau Cachoeira, 2021).

Ao relatarem como se dá o dia a dia da pesca, é possível perceber que para as outras pescadoras entrevistadas, Dourada e Pacu Manteiga, o ofício não se dá da mesma forma que para Piau Cachoeira, apresentando limites e possibilidades relacionadas às questões de gênero. São relatadas diferenças entre as atribuições dos homens e das mulheres no ofício:

[...] quando a gente tá no barco as mulheres ficam de noite para fazer o bandeco e os homens vão jogar tarrafa né, mais é os homens, é que fica de noite né. [...] porque eu tiro por mim, porque não posso ficar muito tempo dentro da água, porque dói os meus ossos da água, porque dói os meus ossos a frieza já me prejudica um pouco, aí quando a gente vai pro barraco e tem dois casal, ai os homens vão e as duas mulheres ficam no barraco, para tratar o peixe para gente comer só que eles não demora muito no rio meia noite. Porque eles ficam com medo, de primeira era mais tranquilo para as mulheres ficar nos barracos não tinha essa criminalidade que tem agora, mais é muito perigoso, no rio tem espera, no rio tem cobra, tem muita coisa, fia, aí a gente fica com medo de ficar só no barraco, uma mulher não fica tem que ter mais companheira. (Dourada, 2021).

[...] pra mulher pra carregar saco com rede, motor carroça isso tudo é mais ruim pra gente. Subir aquelas ladeiras do rio com os trem é mais pesado pra gente e na matéria da coragem [risos] os homens são mais corajosos, apesar que tem muita mulher corajosa nesse rio. Mas euzinha aqui não sou não, é essa questão aí, porque para mulher tem umas partes que é mais complicada, esses negócios dos pesos, carrega caixa com gelo com tudo dentro, carrega bolsa que a gente sempre leva umas roupinhas pro rio que não vai ficar no molhado lá e é mais ruim assim. (Pacu Manteiga,

2021).

As entrevistadas contam relatos da violência e o medo das pescadoras de sair sozinhas para pescar e serem atacadas. Em seus relatos trazem que é preciso coragem para sair e ficarem sozinhas no Rio.

[...] disseram que já viram umas coisas uma vez, eu nunca vi eu mais ele, andando mais ele, mais os outros aí nunca vi, não vou dizer que já vi, porque eu não vi, o que aconteceu uma vez que nós tava passando no lugar e passou um trem por debaixo da canoa, grosando na canoa, eu não sei o que que era, e é perigoso bandido, tem gente ruim até dentro das matas, nós fomos pescar deixamos um saco de rede lá na rancharia, e fomos colocar as outras redes, quando nós voltamos oh, os sacos de redes tinha achado perna e viajando. Aí é perigoso a gente tá só nessa beira de Rio por aí, lá para baixo pra acolá longe de casa é perigoso. (Piau Cachoeira, 2021).

[...] quando é aqui na beira a gente junta três ou quatro [mulheres] e vamos pescar de anzol, de caniço, passa o dia e vem embora não fica sozinha na beira rio não. Agora para dormir os companheiros vai. (Dourada, 2021).

Com relação a participação das mulheres na pesca, Borgonha (2008) ressalta a importância dessa atuação e aborda que apenas nos últimos tempos esse reconhecimento começou a ganhar força e espaço como uma presença indispensável no setor da pesca:

No cenário Brasileiro, já em 2004, as mulheres paraenses eram responsáveis por 60% do total do pescado produzido no estado e representavam cerca de 10,6% do total de pescadores trabalhando na captura de mariscos, no beneficiamento do pescado e na confecção e reparo de petrechos de pesca. (BORGONHA, 2008, p. 127).

É possível notar uma maior visibilidade das vidas, condições de trabalho e lutas das mulheres pescadoras. Em nível internacional, Goes e Cordeiro (2018) apontam que ações de fortalecimento da produção familiar foram desenvolvidas pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação da Agricultura, com a ideia de diminuir a pobreza no mundo. Devido sua importância na economia, a mulher é foco das ações, ao considerar a discriminação de gênero e a falta de acesso a linhas de crédito e capacitação, sendo a pesca uma atividade responsável pela economia de famílias com vulnerabilidade social.

Esses acontecimentos contribuíram para uma melhor visibilidade, além da

criação de um benefício para pescadores artesanais, garantindo os direitos previdenciários. Apesar de uma melhora na visibilidade, as mulheres ainda têm dificuldade ao serem reconhecidas profissionalmente. Essa luta teve como resultado a formação da articulação nacional das pescadoras no ano de 2006, sendo um instrumento das reivindicações das mulheres de sua posição no setor pesqueiro. (BECK, 1991).

Maneschy (1995), analisa o trabalho das mulheres sugerindo a ampliação da compreensão de produção pesqueira, que deve envolver as atividades de pesca e captura de espécies, com a finalidade de ter uma caracterização das mulheres no setor pesqueiro. Segundo o autor, a maioria das mulheres pesca usando linha de mão, com pequenas redes, realizando atividade pesca de curral, pesca de polvo e a venda de peixes em manguezais, praias, rios e lagos, enquanto os homens realizam suas atividades no mar alto.

Quanto à forma de comercialização do pescado, a pescadora Dourada diz que ela é quem vende e que com o aparelho celular ficou ainda melhor a comercialização. Além disso, ela recebe encomendas de peixes antes mesmo de ir para a pescaria:

[...] Já nós temos cliente na hora que chega a gente posta [no grupo do whatsapp] né aí logo vende bem. Quando perguntado onde ela posta, ela disse que no grupo do marido: [...] No grupo dele aqui dos amigos na mesma hora, eu quero tantos quilos de peixe, aí rapidinho vende, graças a Deus, o nosso peixe.

Já a pescadora Pacu Manteiga (2021) afirma que comercializa o produto da sua pesca na rua:

[...] quando a gente vem do rio sempre vende na rua, entendeu? Não vende aquele peixe, negócio a pessoa encomendou, não você pega ele você sai você vende, aí aqui geralmente tem pessoas que gostam de comprar peixe sempre, o pessoal gosta muito de comer peixe. [...] na carroça, e vai andando pela rua e o pessoal vai chamando. [...] é, vai andando o pessoal grita peixe, aqui o foco de vender peixe é o meu vizinho aqui, que ele é bom pra isso, sabe.

A pescadora Piau Cachoeira (2021) diz não ter uma forma definida de venda e conta que seu filho que vende da seguinte forma:

[...] vende falhado, vende pra um, vende pra outro é assim não tem lugar certo pra vender não, tem vez que tem assim, a pessoa compra na mão da gente aí gosta do peixe, quando a gente tem o peixe de novo e vai lá, ele torna comprar de novo é assim.

As relações familiares estão frequentemente envolvidas no cotidiano da pesca nos moldes da pequena produção mercantil, tanto no dia a dia do trabalho quanto na forma como foi adquirido o aprendizado do ofício. Nas entrevistas, quando era perguntado com quem elas aprenderam a pescar, nota-se que o interesse do pescado partia delas, incentivadas por familiares ou pessoas de seu convívio próximo, podendo ser considerado um saber geracional, passado de geração em geração:

[...] eu não conheci meu pai, meu pai faleceu eu era pequena, a minha mãe era pescadora gostava de pescar nossa, nós trabalhávamos ia pra roça, quando nós chegava já de noite, antes de ir pra roça ela já deixa as iscas guardada, aí quando chegava o arroz cozinhadinho ali, já descia pra beira do córrego pra ir pescar. (Piau Cachoeira, 2021).

[...] Eu aprendi a pescar com minha sogra e meu marido que meus pais não gostavam de peixe e nem eu não comia peixe meus pais não comia e não deixava a gente comer né aí quando eu casei aí sim aí acostumei a comer peixe, aprendi a comer peixe e aprendi a pescar. (Dourada, 2021).

[...] olha tinha um senhor aqui que ele era muito generoso, só que ele já morreu há muitos anos, é o seu Zé Viana ele sempre morou na beira do rio, ele sempre pescava, aí a gente sempre via ele pescando, entendeu? Aí assim, a gente ver a pessoa pescando, vamos tentar pegar um peixe, aí lá vai a pessoa ajudar o outro, né? Porque menino você viu a curiosidade de menino, quando a gente é menino é curioso para colher os trem. [...] A gente aprende é tipo assim, quando a gente é menina, a gente pega, que a gente mora na beira de um ribeirão, a gente sempre tem um anzolzinho, uma varinha lá, né? A gente vai pescar, vai tentar pegar uma piabinha, alguma coisa, aí negócio de rede, esses trem aí eu vim mesmo aprender a pescar junto com o meu marido, porque na verdade ele é o mais concentrado na água, ele sempre foi mais pescador do que eu, porque ele sempre pescou, sempre eu sou meia medrosa, entendeu?

Aí a gente vai. Mas aí nas bases da rede sempre é ele que coloca as redes, aí eu ajudo ele a tirar os peixes, tira as chama vespa né? O fato do peixe, pra gente trazer mais ou menos limpo, é assim. Mas de pescar mesmo a gente aprende na prática aí que a gente vai embora [risos] pesca aquelas piabinhas, aqueles trenzinhos pequenos, é com a gente mesmo. [Risos] (Pacu Manteiga, 2021).

O saber passado de geração em geração, de maneira informal, é a marca dos saberes tradicionais. O cotidiano da pesca é compartilhado pelas famílias e marca as mentes e corpos das pescadoras e pescadores.

Os movimentos sociais organizados vinculados à pesca, com espaços para debates, reivindicações e organizações das pescadoras e pescadores produzem um engajamento importante, discutindo as condições de vida e trabalho, trazendo

voz ativa e coletiva para suas e seus integrantes. As três pescadoras entrevistadas são associadas à Colônia de Pescadores Z-7. A Colônia Z-7, nesse contexto, se constitui como um espaço de debate, luta e apoio mútuo à categoria.

A pescadora Dourada (2021) ressalta que nas reuniões da Colônia de Pescadores de Tocantinópolis-Z7, além de outros temas, também é debatido a questão da saúde das pescadoras e pescadores. Quando perguntado a ela para serve a Colônia, ela diz:

[...] é para ter reunião dos pescadores, para ajudar quando um tá com problema de saúde, quando tá passando necessidade, eles ajuda a gente tem reunião. Presidente ajuda também, e ele vai correr atrás das nossas coisas, esses dias mesmo ele tava viajando.

Associada a Colônia dos Pescadores de Tocantinópolis - Z7 desde 2005, a pescadora Pacu Manteiga (2021) também destaca a importância dessa Entidade na vida de suas associadas e associados:

ela é uma associação de um grupo de gente, de pessoas, onde um ajuda os outros, quando a pessoa tá, né? Com necessidade de alguma coisa, aí tem muita gente que ajuda os outros, então elas são, um ajuda os outros, entendeu? E assim é com esse negócio, tipo essa pandemia agora, que veio e pegou todo mundo de surpresa, que muita gente está passando necessidade, muita coisa.

Esse companheirismo das pescadoras e pescadores é bem presente e evidente quando se observa a fala da Pacu Manteiga. Para a realização da atividade da pesca é importante essa socialização e o apoio mútuo que ela fomenta. Com relação a essas associações de classe, Maldonado (1986, p. 48) pontua:

As colônias de pescadores são entidades associativas com características de representação de classe dos pescadores e de organização de caráter cooperativista, representativas dos interesses do Estado. Estão estreitamente ligadas ao governo e são criadas com fins de segurança nacional através da organização da produção pesqueira e de políticas de assistência social, saúde e educação.

Para estarem vinculadas à Colônia Z-7, é necessário de suas associadas e associados o pagamento de uma taxa mensal que mantém o custeio da Entidade. A pescadora Piau Cachoeira (2021) frisa como ocorre esse processo:

[...] 20% da nota e 25% da mensalidade por mês tem que pagar todas 2. A mensalidade quando recebo o dinheiro do seguro eu já pago logo o ano todinho, aí a nota não, a nota paga todo mês, todo mês vai lá faz a nota

em casa dos peixes que pegou bota o nome dos peixe de tudo ai leva e paga, todo mês tem que pagar.

Para a realização do cadastro profissional junto às Colônias, são realizadas perguntas relacionadas ao dia a dia na pesca que tem como objetivo averiguar se as pessoas realmente trabalham na pesca. A participação das mulheres na Colônia busca realizar registros profissionais necessários, como o pagamento da mensalidade para acesso às atividades e aos benefícios, para que as mulheres estejam presentes e tenham seus direitos enquanto pescadoras garantidos.

As pescadoras e pescadores têm documentos que identificam a atividade pesqueira e a licença ambiental é um deles, habilitando o acesso às políticas públicas como o Seguro Defeso. O Seguro Defeso é um benefício pago às pescadoras e pescadores artesanais no período reprodutivo dos peixes, visto que a pesca nessa época fica proibida.

A disponibilidade de peixes na safra, o fluxo das águas e a possibilidade de se distanciar de casa para o trabalho, são fatores importantes que influenciam a vida e o resultado da pesca para as pescadoras e pescadores. Além desses fatores, outra questão que impacta diretamente a vida de quem vive da pesca são os limites do corpo. A questão da saúde e a condição física são questões que aparecem frequentemente nos relatos das pescadoras. É apontado pelas mulheres entrevistadas problemas relacionados à saúde e a dores nas costas como resultado do esforço durante as pescarias. Apesar da falta de acesso à assistência médica, que pode causar agravamento na saúde tornando impossível a pesca, muitas driblam a doença e procuram uma forma de continuar atuando. A seguir, duas pescadoras relatam como fazem na pescaria diante das dores:

[...] o motor, ligar o motor só ele aguentava, porque eu tenho problema no braço dor né, nas juntas do braço eu não aguento puxar a cordinha, pra dizer assim bota força pra puxar eu não aguento não de jeito nenhum, aí é ele que fica no motor, essa aí era por conta dele. (Piau Cachoeira, 2021).

[...] jogar a rede é mais pesado para nós mulheres, só que nós mulheres tem mulher que joga tarrafa né, eu não jogo porque tenho problema de coluna e não posso pegar peso e quando mais tem mulher que enfrenta, tem mulher que joga tarrafa. [...] o rio é muito bom mas traz muita coisa, prejudica muito a gente na saúde, aparece problema de coluna, problema que não pode pegar muito peso, negócio de frieza da água, tem câncer de pele coceira nos pés, tem muita coisa que prejudica os pescadores e pescadoras. (Dourada, 2021).

Para além dos problemas de saúde que enfrentam, há também outra questão que apareceu nos relatos das pescadoras que é o preconceito que vivenciam por parte da sociedade. Muitas pessoas que não conhecem o cotidiano da pesca aparentam não valorizar esse trabalho como elemento importante na sociedade. Esse sentimento é retratado pela pescadora Dourada (2021):

[...] tem deles que critica né, é porque ver que a gente não tem a profissão que nem eles, elas aí fica falando aquela ali é pescadora, só fede a peixe, a gente escuta de vez enquanto. [...] ouvi de vez em quando, que tem gente que tem a profissão mais do que a gente que vai pro rio e chega mesmo nossa, quando a gente chega suja mesmo, suada, as mãos toda cheia de terra para pegar as minhocas e botar no caniço, no anzol, aí é diferente de quem tem a unha arrumadinha, pintadinha.

Mesmo enfrentando preconceitos e dificuldades, as pescadoras demonstram que a pesca representa muito em suas vidas. Seus relatos trazem tanto a sua importância relacionada à questão do sustento quanto à questões relacionadas à divertimento, ao lazer e à realização pessoal:

[...] a pesca pra mim é a coisa mais importante na minha vida é a pesca, é pescar é muito importante na minha vida é o divertimento, é uma alegria da gente tá na beira do rio, a gente pega o peixe da gente, a gente come o peixe da gente, a gente vende, aquele dinheiro já serve para gente comprar alguma coisa que tá faltando em casa, pagar o que a gente compra para levar para o rio, pra mim é um divertimento. [...] eu me sinto muito feliz, muito importante pra mim é a pesca é muito importante, é mais importante que você tá em um juquirá, roçando do que você tá em casa mexendo com uma coisa, mexendo com outra. (Piau Cachoeira, 2021).

[...] aí para mim a pesca primeira Deus, para mim a pesca e tudo para mim e a pesca porque quando eu vou pro rio com meu marido eu só venho com raiva porque ele quer vim embora logo principalmente quando tá ruim de peixe e eu só venho com raiva ele quer vim embora e eu quero ficar. [...] E principalmente no tempo da serva quando bota a serva mesmo que nós vamos pegar peixe pra ele tá ruim e pra mim tá beliscando, tá tendo peixe, eu gosto de peixe e gosto de pescar. [...] eu acho bom pescar, eu fico aliviada assim até cabeça alivia, as coisas que a gente tem né, até essa quentura daqui, lá no rio não tem esse solzão quente não, mesmo então só um tempo assim quanto tempo tá bom né Você tem tempo quente a gente mesmo de vez em quando a gente toma banho. (Dourada, 2021).

[...] Olha quando a gente tá pescando, é muito bom tá na beira rio, porque é o sentimento. Porque é tipo assim é o dia calmo, sem aquela zoada da cidade. E é bom quando a gente tá pescando é bom demais, principalmente quando a gente tá pegando peixe é bom mesmo. [...] olha por enquanto ela tá sendo, tipo da onde eu estou arrumando algum dinheiro, por enquanto, porque fora os bicos que eu faço é esse aí que eu tenho, porque no final do ano eu tenho o salário, né mais. É uma parte é boa e a outra já não é muito boa porque é igual eu falei pra você, essa

história de rio pra mulher é mais complicado do que pra homem. (Pacu Manteiga, 2021).

Elas relatam tanto seus desafios, quanto seu amor pela pesca e pelo rio, e como ele as ajuda, tanto no bem-estar financeiro, quanto no psicológico, pela confiança de se ter um rio no qual possam se ancorar.

Ao serem questionadas a respeito de qual foi o momento mais importante que vivenciaram junto ao Rio Tocantins como pescadoras, as narrativas foram as seguintes:

[...] o momento mais importante é quando nós ia pescar que vinha embora com a caixa cheia de peixe, ia olhar as redes chegava lá tava cheia de peixe aaah meu Deus mais importante demais a gente ficava feliz, alegre, bom demais ó [risos]. (Piau Cachoeira, 2021).

[...] quando eu peguei meu primeiro peixe foi o momento mais importante pra minha vida. (Dourada, 2021).

[...] foi antes dessa barragem [silêncio] antes da barragem foi mais, acho que foi mais melhor pra todo mundo, porque antes da barragem não tinha esse negócio do rio tá baixo, agora você vai, aí mais tarde a água tá lá em cima, eu acho que antes da barragem foi melhor pra todos, não só pra mim, mas pra todo mundo. (Pacu Manteiga, 2021).

Esse contexto de mudança da vida das pessoas ribeirinhas devido às intercorrências realizadas nos rios, também apareceu no estudo de Parente e Silva Júnior (2019) evidenciando a fala de um dos participantes do estudo, dizendo que em determinado momento o rio dava e em outro momento o rio tirava, mas isso não impulsionava um desejo de mudança de local de moradia. Isso porque se reconhece o rio como um lugar de muita abundância de vida, tanto animal quanto vegetal, enquanto outros lugares não servem para o plantio. Logo, o rio que por vezes tira, é o mesmo rio que muito dá.

Nas memórias das pescadoras, as mudanças do Rio Tocantins, estão vinculadas à construção de uma barragem na região, que afetou o fluxo das águas e os modos de vida dos seres que habitam suas margens, tanto a fauna, quanto a flora.

A barragem a que se refere Pacu Manteiga, é a Usina Hidrelétrica de Estreito-MA (UHE), que foi inaugurada em 2010, e fica aproximadamente a 28 km de Tocantinópolis. As águas do Rio Tocantins passam primeiro por Estreito-MA para depois chegar em Tocantinópolis-TO. De acordo com Rocha (2011):

[...] a Usina Hidrelétrica de Estreito foi construída com o propósito de servir as necessidades das empresas transnacionais para atender a indústria de alumínio, responsável pela maior demanda energética no planeta, porém deixou muitos passivos sociais, ambientais, culturais, familiares, econômicos, interferindo na vida das comunidades tradicionais, entre elas: povos indígenas, ribeirinhos, extrativistas, pescadores, entre outros. (ROCHA, 2011, p. 08).

Quando questionado se a Hidrelétrica de Estreito modificou o trabalho com a pesca, elas responderam:

[...] modificou, porque o peixe ficou mais difícil, porque a maioria dos peixes fica preso lá pra cima [no rio], não tem mais a fartura de peixe que tinha aqui pra baixo, diminuiu foi muito depois dessa usina que fizeram lá, a barragem que eles fizeram lá. Tinha muito peixe pra cá, quando nós ia pescar tinha noite que nós ia para o Touri que em uma noite, quando amanhecia o dia nós enchia a caixa de peixe, agora passa 3 dias no rio, quando você pega 8 cambos de peixes pega muito, só que também quando dá a sorte melhora também, a gente pega muito, a tem vez de nós ir lá passar três dias e chegar com 3 cambos de peixe em casa, antes da barragem não acontecia isso não, antes da barragem era muita fartura de peixe, a gente vai levando a vida como Deus comanda. [risos] (Piau Cachoeira, 2021).

[...] mudou muita coisa mudou porque sempre morre peixe né também as vezes aparece alguns peixinhos morto assim por causa da barragem. [...] Mudou assim porque tá mais difícil né o peixe tá muito difícil a gente não pega mais como a gente pegava antes a 10 anos atrás. (Dourada, 2021).

[...] Porque como agora a Barragem ela não para com a água, a água dela ele sempre solta uma água depois da barragem, complicou muito para os pescadores daqui de baixo, porque é aquele negócio deles, o rio tá seco o rio tá cheio, aí às vezes você põe uma rede agora o rio tá mais ou menos, quando você vai lá tá cheio outras vezes estava cheio você põe a rede quando vai lá o trem tá lá embaixo seco, aí complicou bastante a vida dos pescadores, muito muito mesmo. Às vezes você vai para o rio e pega alguma coisa, outras vezes você vai e não pega nada é assim. [...] com essa hidrelétrica aí, aqui pra baixo dificultou muito para os pescadores, porque os peixes diminuíram bastante e lá eles ficam, nem a água eles soltam e enchem e esvazia, fica aquele negócio você vai, tá um tipo, tá mais o menos seco, aí depois você vai a água já tá cheio, e aí impactou muito. (Pacu Manteiga, 2021).

As barragens existentes no Rio Tocantins afetam de forma direta a vida e a atividade laboral das populações ribeirinhas de seu entorno. Há quatro hidrelétricas localizadas no Rio Tocantins. Foram construídas uma Usina Hidrelétrica na cidade de Estreito-MA, entre os estados do Maranhão e Tocantins; a Usina Hidrelétrica Luis Eduardo Magalhães, entre Lajeado-TO e Porto Nacional-TO; a Usina Hidrelétrica Peixe Angical, em Peixe -TO; e a Usina Hidrelétrica São Salvador, em

Paraná-TO. Há ainda três projetos em processo de licenciamento (Tupiratins, Ipueiras e Itaguatins), além de outro projeto no Rio Araguaia (Santa Isabel). (FERREIRA; PARENTE; GOMES, 2016).

A construção das barragens acarreta problemas ambientais que são, na verdade, problemas sistêmicos, interligados e interdependentes e a sua solução depende das mudanças na percepção, no pensamento e nos valores humanos. Vários indivíduos dividem costumes, interesses e gostos em comum, sendo assim entendidos como sociedade. Um grupo de pessoas vivendo em comunidade, a forma como organizam e utilizam os recursos naturais definem suas relações e, a partir disso, dá-se um início às discussões sobre a crise ambiental, que é resultado do crescimento econômico desenfreado que não está em harmonia com o ecossistema em que vivem.

O conceito de natureza e sua importância na sociedade só é atribuído pela própria existência humana; "a natureza é um conceito que traz em si a configuração de um grupo em determinado período histórico" (SANTOS; ARAGÃO; SOUZA, 2012). Com isso, é necessário debater cada vez mais o conceito de natureza e a importância de preservá-la, a fim de frear a devastação ambiental.

Independentemente de como é a forma de atuação da mulher no setor pesqueiro, elas têm um significado importante e indispensável. As mulheres do Rio Tocantins, para além de enfrentarem os impactos da exploração das águas em busca de energia, com a construção de barragens, também enfrentam cotidianamente os preconceitos relacionados à questão de gênero. Constantemente são lembradas de suas supostas inadequações ao espaço laboral que por muitos anos foi destinado apenas aos homens. No entanto, elas seguem insistindo na luta para garantir seu sustento e a sobrevivência de suas famílias a partir do Rio Tocantins, ocupando todos os espaços que lhes são de direito, compartilhando suas experiências e contribuindo para as transformações nas relações de gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa aborda as vidas das pescadoras ribeirinhas buscando valorizar as suas experiências com o ofício da pesca no Rio Tocantins. Os elementos estudados também incluem a percepção de diferentes significados que o Rio Tocantins tem nas suas vidas, a forma como exercem a atividade da pesca, como aprenderam seu ofício, como comercializam, quais os impactos da mudança das águas nas suas vidas, a importância da Colônia dos Pescadores de Tocantinópolis Z-7, entre outras questões.

Para tal, apresentei os debates relacionados à História das Mulheres e à História Cultural, sendo conceitos importantes para entender a análise das trajetórias de vida das entrevistadas. A partir desses conceitos, ao refletir sobre a História Oral e a Memória, ficou evidenciado na pesquisa a importância dessa metodologia para o registro das memórias das populações camponesas. Os relatos orais são importantes fontes para fornecer aos pesquisadores e pesquisadoras novas possibilidades analíticas e tem características únicas, permitindo o acesso às subjetividades dos sujeitos.

A invisibilidade das mulheres na pesca precisa ser desconstruída, suas participações e importância no meio pesqueiro devem ser evidenciadas. Onde estão e o que realmente estão fazendo, suas lições de vida, precisam ser enaltecidas. Como vimos, ainda há muitos obstáculos a serem enfrentados e superados, tanto sociais quanto políticos, para superar essa invisibilidade à qual as mulheres foram e ainda são submetidas.

Busquei destacar parte da trajetória de três mulheres pescadoras do Rio Tocantins mas ainda há muito o que conhecer tanto a respeito dessas mulheres quanto a respeito de outras tantas pescadoras que fazem das águas do Rio Tocantins seu espaço de vida e sobrevivência.

Por fim, é importante reconhecer que a atividade desempenhada pelas pescadoras do município de Tocantinópolis é parte do patrimônio imaterial e uma tradição ribeirinha. A oralidade e as identidades dessas pescadoras enquanto ribeirinhas tornam-se valiosas fontes de pesquisa e aprendizado, um incentivo para que se continuem as investigações e registros de seus saberes e fazeres, valorizando as diferentes formas de existência das populações camponesas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41422>. Acesso em: 25 ago. 2021.

BECK, A. Pertence à mulher: Mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do litoral de Santa Catarina. Fórum de discussão sobre o universo social da mulher, a pesca e sua relação com a ecologia. **Revista de Ciências Humanas**, v. 7, n. 10, p. 8-24, 1991. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23752>. Acesso em: 22 maio 2022.

BORGONHA, Mirtes Cristina; BORGONHA, Maíra. Mulher pescadora e mulher de pescador: A presença da mulher na pesca artesanal na Ilha de São Francisco do Sul, Santa Catarina. **Fazendo Gênero 8-Corpo, Violência e Poder**, p. 1-6, 2008. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST64/Borgonha-Borgonha_64.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

BRASIL. Decreto-Lei n. 794, de 19 de outubro de 1938. Aprova e baixa o Código de Pesca. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, 21 out. 1938. Seção A, p. 21172. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-794-19-outubro-1938-350346-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 30 mar. 2022.

BRASIL. SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. Decreto nº 6040, de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política de desenvolvimento Sustentável dos Povos e comunidades tradicionais**. Brasília, DF: Casa Civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 8 set. 2021.

CACHOEIRA, Piau. **Piau Cachoeira**: depoimento [outubro de 2021]. Entrevistadoras: Cássia Ferreira Miranda; Tainã Miranda de Souza; Jessilane Souza da Silva. Tocantinópolis: Acervo das entrevistadoras, 2021. 1 h e 15 minutos de gravação on-line via *google meet*. Entrevista concedida para o projeto Sociabilidade e Sobrevivência às Margens do Rio Tocantins.

CAVALCANTE, Matuzalem; FERNANDES, Bernardo. Territorialização do Agronegócio e Concentração Fundiária. *Revista Nera*, [S. l.], n. 13, p. 16–25, 2012. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1387>. Acesso em: 10 de maio de 2022.

CHAGASTELLES, Gianne; LACERDA, Gislene. História oral, memória e história do tempo presente: debate conceitual e de sentidos. **X Encontro Regional Sudeste de História Oral**. Campinas: UNICAMP, 2013. Disponível em:

http://www.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1372529143_ARQUIVO_textoGianneGislene.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

COSTA, Francisco de Assis. CARVALHO, Horácio Martins de. Campesinato. In: CALDART et al. In: **Dicionário da Educação do Campo**. RJ: SP: Expressão Popular, 2012. p. 115-122.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'ana. **Pescadores, Camponeses e Trabalhos do Mar**. 1. ed. São Paulo: Ática S.A., 1983. 287 p.

DIEGUES, Antonio Carlos. **A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira**. São Paulo, SP: NUPAUB-USP, 2004.

DOURADA. **Dourada**: depoimento [novembro de 2021]. Entrevistadoras: Cássia Ferreira Miranda; Tainã Miranda de Souza; Jessilane Souza da Silva. Tocantinópolis: Acervo das entrevistadoras, 2021. 1 h e 08 minutos de gravação on-line via *google meet*. Entrevista concedida para o projeto Sociabilidade e Sobrevivência às Margens do Rio Tocantins.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 314-332. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/fpGyHz8dRnk56XjcFGs736F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 fev. 2022.

FERREIRA, Marinho; PARENTE, Magna; GOMES, Temis. Gênero e trabalho das mulheres pescadoras dos reassentamentos rurais no extremo norte do Tocantins. **Revista Desafios**, v. 03, p. 30-33, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/uft.2359-3652.2016v3nespp30>. Acesso em: 13 fev. 2021.

GOES, Lidiane; CORDEIRO, Rosineide. A mulher pescadora no cotidiano da pesca artesanal. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 778-796, dez. 2018.

GOMES, Horieste; TEIXEIRA NETO, Antônio. **Geografia Goiás-Tocantins**. Goiânia: UFG, 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda. 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Contagem da População 2014, Tocantins**. 2014. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/home/estatística/população.shtm>. Acesso em: ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE.
Tocantinópolis. 2019. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/tocantinopolis.html>. Acesso em: 25 jun. 2021

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE.
Tocantinópolis. 2017. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/tocantinopolis/panorama>. Acesso em: 25 jun. 2021.

INSTITUTO ECOBRASIL ECO BRASIL. **Comunidades tradicionais**: ribeirinhos. s.d. Disponível em: http://www.ecobrasil.eco.br/site_content/30-categoria-conceitos/1195-comunidades-tradicionais-ribeirinhos. Acesso em: 3 fev. 2021.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Pescadores do mar**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MANESCHY, Maria Cristina. A mulher está se afastando da pesca? Continuidade no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 11, n. 2, p. 145-166, 1995. Disponível em: <http://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/821>. Acesso em: 7 abr. 2021.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MEIHY, J. C. B; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 11 mar. 2021.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. Rio Tocantins: lugar de memórias e identidades. **Revista Mosaico**, v. 1, n. 2, p. 163-168, jul/dez, 2008. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/575>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PACU MANTEIGA. **Pacu Manteiga**: depoimento [novembro de 2021]. Entrevistadoras: Cássia Ferreira Miranda; Tainã Miranda de Souza; Jessilane Souza da Silva. Tocantinópolis: Acervo das entrevistadoras, 2021. 1 h e 24 minutos de gravação on-line via *google meet*. Entrevista concedida para o projeto Sociabilidade e Sobrevivência às Margens do Rio Tocantins.

PARENTE, Temis Gomes; SILVA JÚNIOR, Cícero Pereira da. De estrada líquida à jazida energética: os sentidos do rio Tocantins na memória oral dos ribeirinhos. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 156-180, set./dez. 2019. Disponível em:

<https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180311282019156>. Acesso em: 9 fev. 2021.

PERROT, M. Práticas da memória feminina. **Rev. Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989. Disponível em: https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3846. Acesso em: 8 fev. 2021

PRANDI, Jair. **Jalapão, Tocantins: lugares fantásticos**. [s.n.: s.l.], 2012. Disponível em: <https://jp-lugaresfantasticos.blogspot.com/2012/08/jalapao-tocantins.html>. Acesso em: 02 maio 2022.

PROGRAMA NACIONAL DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR - PRONAF PESCA. **Cartilha do PRONAF Pesca: a multiplicação do desenvolvimento sustentável, do trabalho, da renda e da cidadania**, Brasília, DF: SEAP. Disponível em: <https://2000.198.2002.145/seap/html/cartilhapronafpesca.htm>. Acesso em: 2 maio 2022.

RAGO, Margareth. **As Mulheres na Historiografia Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. João Lopes da Cunha, 1995. Disponível em: http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf. Acesso em: 08 out. 2021.

ROCHA, Michelle da Silva Pimentel. **Mulheres, manguezais e a pesca no estuário do Rio Mamanguape, Paraíba**. 121f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

ROCHA, Nádia Sueli Araújo da. **A pesca feminina na comunidade Segredinho: município de Capanema-PA**. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9864>>. Acesso em: 10 out. 2021.

RODRIGUES, Lysias A. **O Rio dos Tocantins**. 2. ed. Palmas: Ed. Alexandre Acampora, 2001.

SANTOS, Eline Almeida; ARAGÃO, Miria Cássia Oliveira; SOUZA, Rosemeri Melo. Tecendo as redes entre natureza e sociedade: os desafios das mulheres pescadoras em Sergipe. **FRONTEIRAS: Revista do Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente**, v. 1, n. 1, 2012.

Secretaria da Agricultura, Pecuária e Aquicultura. **Agricultura**. (<https://www.to.gov.br/seagro/agricultura/4i8bn98apzb6>). Acesso em: 2 de maio de 2022.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO. Superintendência de Planejamento e Gestão Central de Políticas Públicas. Diretoria de Zoneamento Ecológico-Econômico (DZE). **Base de Dados Geográficos do Tocantins**. Palmas, Seplan/DZE, 2009. DVD-ROM. (Dados vetoriais temáticos estruturados em escalas 1:250.000, 1:500.000 e 1:1.000.000).

SCOTT, Joan. Usos e abusos de gênero. **Projeto História**. n. 45. São Paulo, p. 327-351, 2012.

SILVA, Reyllinn Barros da. **O catolicismo orionita no antigo extremo norte goiano nos relatos de memória dos “filhos da divina providência”, (1952-1980)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7041>. Acesso em: 8 fev. 2021.

Sistema de Monitoramento Agrometeorológico. AGRITEMPO (2022). Acesso: <agritempo.gov.br>. Acesso em: 2 de maio de 2022.

SOUZA, Tainã Miranda de. **Vivências com o Rio Tocantins: Memórias de pescadoras e pescadores da região de Tocantinópolis - TO**. 66 f. Monografia (Graduação em Educação do Campo), Universidade Federal do Tocantins, Curso de Educação do Campo, Tocantinópolis, 2022.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WORTMANN, E. F. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades “pesqueiras” do Nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, p. 41-61, 1992. Disponível em: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/18/rbcs18_04.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

APÊNDICE - ROTEIRO UTILIZADO COM AS PESCADORAS

QUESTÕES INICIAIS

1. Qual sua data e local de nascimento?
2. Qual seu estado civil?
3. Onde a senhora mora?
4. Se tem um companheiro, como conheceu ele? Ele também trabalha com a pesca? Ele já trabalhava antes de vocês começarem o namoro?
5. Na sua casa, há uma divisão das tarefas domésticas entre a senhora e o seu companheiro?
6. A senhora tem filhos? Quantos? Qual a idade deles?
7. Quem mora com a senhora?
8. A senhora estudou até que série?
9. A senhora tem alguma religião? Frequenta algum local religioso?
10. Quando a senhora não está trabalhando, o que a senhora gosta de fazer?
11. A senhora vai no rio por outros motivos que não seja a pesca? Quais motivos?
12. A senhora gosta de ouvir música? Quais músicas a senhora gosta?
13. Qual a sua profissão? A senhora se dedica totalmente à pesca ou tem um outro trabalho?

ROTINA DE TRABALHO

14. Quando a senhora começou a trabalhar como pescadora? Quantos anos a senhora tinha?
15. Como a senhora aprendeu a pescar?
16. Qual era a profissão dos seus pais?
17. O que fez com que a senhora começasse a atividade da pesca?
18. Onde a senhora costuma pescar? Quais são os lugares na região que dão mais peixes?

19. Caso seja distante, quantos dias a senhora fica longe e como conserva o peixe?
20. Quais são os peixes mais pescados?
21. Quantos peixes em média a senhora costuma pegar por dia de trabalho?
22. E quais as iscas utilizadas?
23. De onde vem as iscas que a senhora utiliza?
24. Além das iscas, quais são os seus instrumentos de trabalho?
25. A senhora faz alguns dos utensílios que utiliza?
26. A senhora utiliza canoa ou barco na pescaria? Onde a senhora deixa ela quando não está pescando?
27. Quem costuma ir com a senhora para a pesca?
28. Em quais dias e horários a senhora costuma pescar? Por que nesse horário?
29. Tem épocas do ano que dão mais peixes do que outras?
30. Como a senhora lida com os períodos de cheia e seca do rio? O que essas mudanças do rio mudam no seu trabalho?
31. No período da Piracema como fica seu trabalho no Tocantins?
32. A senhora acha que a construção da hidrelétrica em Estreito mudou alguma coisa para os pescadores? O que?
33. A senhora recebe algum auxílio do governo? Qual?
34. A senhora pesca para consumo e comercialização?
35. Caso a senhora comercialize, qual a média de quantidade e valor de cada peixe por semana? Como acontece as vendas?
36. A senhora vende por encomenda?
37. Quanto a senhora costuma cobrar pelos peixes?
38. A senhora considera que o dinheiro que o senhor ganha com a pesca é suficiente para o sustento da sua família?
39. Há na comunidade atravessadores?
40. Há quanto tempo a senhora trabalha como pescadora?
41. Na sua profissão como pescadora, a senhora tem notado mudanças no modo

de pescar ao longo dos anos?

42. Fale um pouco de suas experiências como pescadora no Rio Tocantins? Tem alguma história que a senhora gostaria de nos contar sobre a sua vida com a pesca?

43. O que a pesca significa na sua vida? Qual a importância dela para a senhora?

44. A senhora gosta de trabalhar com a pesca no Rio Tocantins?

45. O que a senhora sente quando está pescando?

46. Se a senhora não fosse pescadora, a senhora gostaria de trabalhar com o que?

COMUNIDADE

47. A senhora conhece outras pessoas que trabalham como pescadoras?

48. Como a senhora acha que a comunidade enxerga a profissão de pescador?

49. Na comunidade existe a atuação de jovens nessa profissão?

50. A senhora vê uma participação de mulheres tanto quanto a de homens na pesca?

51. A senhora acha que o trabalho na pesca para homens e mulheres é o mesmo?

52. Existe alguma atividade mais realizada por homens e outras mais por mulheres?

53. Se sim, por que a senhora acha que tem essa diferença?

54. Na vida da pesca a senhora acha que os homens e as mulheres têm condições de fazer as mesmas atividades ou não? Por quê?

55. A senhora é associada da Colônia de Pescadores Z7? Se sim, como é esse movimento?

56. Para que serve a Colônia dos Pescadores? E quais são as cidades que fazem parte dela?

57. A senhora tem algum envolvimento direto na Colônia? Participa das reuniões?

58. Se sim, com que frequência são as reuniões?

59. Quais são os assuntos que mais são discutidos nas reuniões?

60. A senhora acha que há diferenças no modo de pescar daqui da cidade para outras localidades?

61. Que elementos a senhora vê em comum nas vidas dos pescadores que você

conhece?

62. Qual a parte que a senhora considera mais difícil no seu trabalho como pescadora?

63. O senhor já esteve envolvido em alguma situação complicada por ser pescadora? Algum conflito?

64. Há alguma fiscalização sobre os pescadores aqui na região? Como funciona?

65. A senhora já ensinou a alguém pescar? Quem?

66. Seus filhos e filhas – se tiver – sabem pescar?

67. A senhora gostaria que seus filhos e suas filhas fossem pescadores ou se pudesse escolher escolheria outras profissões?

68. No caso de não haver interesse das filhas e filhos nesta profissão, por que você acha que isso acontece?

69. A senhora acredita que no futuro ainda haverá interesse das comunidades na pescaria?

70. Qual o momento que a senhora considera que foi mais importante na sua vida como pescadora?

71. A senhora tem algum desejo ou sonho que a senhora ainda não realizou e que queira realizar no futuro?

72. Tem alguma outra informação que a senhora considere importante ou queira contar para nós?